

Mário de Carvalho



Ronda das mil
belas em frol

Ronda das mil belas em frol

Mário de Carvalho



RONDA DAS MIL BELAS EM FROL

Mário de Carvalho

Publicado por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

© 2016, Mário de Carvalho e Porto Editora

1.ª edição: Setembro de 2016

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 412383/16
ISBN 978-972-0-04864-6

**Por vontade expressa do autor,
a presente obra não segue as
regras do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.**



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Esta caminhante vida

Gil Vicente

*Não cuides de render-me; que não sei
Tornar a entrar-me onde não há saída.*

Luís de Camões

Osservate, leggete con me

Lorenzo Da Ponte

*Dedicado, com recomendações mil, aos fariseus
pudibundos deste país. E aos filisteus também.*

Nota do Autor

*Este livro contém nua ficção sem ponta de real.
Os considerandos só vinculam o signatário.
Não se recomenda a menores.*

MdC

Índice

Calma	13
Baque	17
Bel-prazer	21
Lassitude	25
Recesso	29
Proeza	33
Alcance	39
Pube	43
Pasmo	49
Opção	53

Viravolta	59
Desagravo	65
Colisão	71
Audácia	75
Declive	81
Rebate	87
Epílogo	95

Calma

Triste toda a animalidade após o coito, menos duas exceções? Muito sabias tu disso, ó prestimoso grego, médico de imperadores, promotor de tonitruante latinada. A parte dos galos ignoro-a, apenas embirro, mas as damas é vê-las a cantarolar, a dispor florinhas nos vasos, todas gestos alados, gaiterices, álares meiguras, como de passes dançantes que lhes tocassem. Se não é isso sétimo céu, perto andará.

Debitando esta sentença, eu não estou triste nem deixo de estar. Fatigado, sim. Exaustão e saciedade não são — que se saiba — pouso obrigatório de tristura. Quanto a Gherda, o meu desenfreado amor de há pouco, o maior do mundo, o mais de-saustinado, por estas horas até às seis, passeia-se lá em baixo na praia. Ofereci-me, claro, para o frete de a acompanhar, sendo como sou cumpridor dos preceitos. Que não queria, que preferia estar sozinha. E um sorriso e um beijo e novo sorriso. E uma saída em pontas, porta encostada com suavidade e o tapetape alegrete pelos degraus de madeira abaixo. Há uma sugestão qualquer de mistério que não me apetece averiguar. Violinos, e tal. Adeus, minhas encomendas. Pelo vidro panorâmico, espécie de montra encastada na falésia, distingo-a, lá ao longe,

a tirar os sapatos antes de entrar na areia. Triste é que ela não parece. Mas o estonteio também não me agradaria de mais. Trensanda a compromisso.

Desapareceu por detrás das rochas. O mar, na mesma. Virei-me para o outro lado, acabei de me vestir. Casita simpática e discreta, lá nestas alcândoras das gaivotas. Numas praticadeiras brancas, à entrada, bricabraque solto e a eterna barca da Nazaré, rebrilhante de azuis, pontuda, com um desalinho chinfrim de petrechos da faina. Pensei insinuar a Gherda que aconselhasse a amiga (quem seria?) a tirar aquilo dali. Mas não quis ser grosseiro e mal-agradecido. Bastava o que bastava. De resto, Gherda vinha da Dinamarca. O folclore dava-lhe para a ternura. E, daí, mal ao mundo não vinha.

Era serena, doce e silenciosa, a boca abria-se para um arquejar demorado que mal chegava a ouvir-se e os olhos pardos extraviavam-se para além dos cantos do tecto. Eu sussurrava-lhe perguntas sobre ritmos, êxtases, cumeadas, ela passava-me o dedo magro ao correr das sobranceiras, e eu nunca soube bem se o seu sorriso aquietado era um traslado de soberania ou de grata submissão. Nunca lhe surpreendi qualquer irrupção de vocabulário fescenino, legitimado e movido pelo crescendo dos envoltivos eróticos em jogo, e tido por algumas praticantes como o supra-sumo da excitação lasciva.

Às vezes parava, de súbito, quando os meus dedos tocavam uma minúscula protuberância rosada, ao de leve, circularmente, e reentravam, coleantes, no rebordo da misteriosa abertura. Estreitava as pernas, afastava-me a mão e suspirava. Mas logo se dobrava sobre mim e me beijava de novo. Da parada amorosa fazem parte certas dificuldades — ou impossibilidades — de

interpretação. Talvez não valha a pena reflectir demasiado a respeito. Dentro daquela generalizada, recorrente, repassada — e por vezes exasperante — mesmice, as mulheres são todas diferentes umas das outras. O que se demonstrará.

«Sou muito apertada», dizia, encolhendo-se, numa espécie de frémido entre o pudor e o despalante risonho. Verdade seria. A isso não me competia redarguir. Mas não era já a mesma estreiteza húmida e polpuda da juvenilidade. Podia sobretudo louvar-lhe, como louvei, a delicadeza da púbis loura, quase branca, que era mais um discreto ornato, brandura de apresentação e entrega, do que selva de ocultação e embuço.

O repousado sorriso, tão aconchegado e acolhedor, trazia-me à lembrança a boca bem preenchida na volúpia de momentos antes, a tensão do rosto, o deslizar vagaroso do contacto, faces, queixo, pescoço, lábios outra vez, um esboço quase inaudível de murmúrio entrecortado.

Gustav estava na Dinamarca, coisas de família, de maneira que Gherda se encontrava livre e distensa. Não quis pensar que este afastamento oportuno do marido fizesse parte de um cálculo para me predispor a aceitar certo empréstimo. Há tantas ocasiões para exercer um saudável cinismo, porque desperdiçá-lo nesta, afinal com momentos tão amenos e compensadores?

Regressada do passeio, Gherda ofereceu-me conchinhas, que eu teria o cuidado de depositar no primeiro recipiente do lixo da minha rua. O que contou foi a intenção. Antes, mão estendida sobre a mesa, dedos entrosados com os meus, um olhar vagaroso, insistente... Palavras não foram ditas, mas aqueles olhos pardos, ora ridentes, ora preocupados, sondando, queriam significar a mesma coisa de sempre, onde Gherda compaginava a

lição implícita e consabida de quase todas as outras amantes:
«Não faço amor com toda a gente. Não fique a pensar mal de mim. O sexo é uma extensão do sentimento. Você é um caso muito especial.»

Propus um duche.